

IRMÃS FOX - O EPISÓDIO DE HYDESVILLE

A família Fox



A família Fox instalou-se em uma casa modesta no vilarejo de Hydesville, Estado de Nova York, em 11 de dezembro de 1847. De origem alemã, por parte do pai, e francesa, holandesa e inglesa, por parte da mãe, o sobrenome era originalmente Voss; depois, passou para Foss; por fim, adotou a forma Fox, definitiva.

Seus integrantes eram John D. Fox, chefe da família, Margareth Fox, a esposa, e duas filhas: Kate, com 7 anos, e Margareth, com 10 anos. O casal possuía outros filhos e filhas. Entre estas, convém destacar Leah, que morava em Rochester, a trinta quilômetros de Hydesville, onde lecionava música. Leah escreveu um livro, *The Missing Link* (Nova York, 1885), no qual faz referência às notórias faculdades paranormais de seus ascendentes.

Uma casa assombrada

A casa de Hydesville fora habitada até 1846 pelo casal Bell, com os quais trabalhava a jovem Lucretia Pulver, como dama de companhia. Certa vez, segundo ela, um mascate se hospedou com os Bells. Nessa ocasião, o casal mandou que ela fosse dormir na casa de seus pais. Três dias depois tornaram a procurá-la, dizendo que o mascate fora embora. Passado algum tempo, aproximadamente em 1844, começaram a ocorrer na casa fenômenos estranhos: ruídos inexplicáveis de alguém andando de um quarto para outro - que a jovem Lucretia também testemunhou. Os Bell terminaram por mudar-se.

Em 1846, instalou-se na casa a família Weekman: Michael, Hannah e filhas. Logo nos primeiros dias após a mudança, eles passaram a ser perturbados por ruídos insólitos: batidas na porta da entrada, sem que ninguém estivesse à vista; passos de alguém andando na adega ou dentro de casa. A família Weekman, como era de se esperar, não permaneceu muito tempo na casa. Em fins de 1847, a moradia estava novamente vaga. Assim, em 11 de dezembro de 1847, como já foi mencionado, a família Fox passou a residir no local.

Inicialmente, os Fox não foram importunados na nova residência. Nos dois primeiros meses de 1848, entretanto, os mesmos ruídos insólitos que perturbaram os antigos inquilinos voltaram a manifestar-se. Eram batidas leves, sons semelhantes a arranhões nas paredes, assoalhos e móveis, que poderiam perfeitamente ser confundidos com ruídos naturais produzidos por vento, estalos do madeiramento, ratos etc. Por essa razão, a família Fox não se sentiu particularmente molestada ou alarmada. Os ruídos, entretanto, cresceram de intensidade a partir de meados do mês de março. Batidas mais nítidas e sons de móveis sendo arrastados começaram a fazer-se ouvir, pondo as meninas em sobressalto, a ponto de se negarem a dormir sozinhas e passarem a dormir no quarto dos pais.

As primeiras transcomunicações

Na noite de 31 de março de 1848, desencadeou-se uma série de sons muito fortes e continuados. Deu-se aí, então, o que se tornou um marco na história da fenomenologia paranormal. Kate Fox, em sua espontaneidade de criança, desafiou a força invisível a repetir, com os golpes, as palmas que ela batia com as mãos. A resposta foi imediata: a cada estalo, um golpe era ouvido logo a seguir. Ali estava a prova de que os sons provinham de uma inteligência incorpórea. Seguem, a respeito, trechos do depoimento de Margareth Fox, a mãe.

Na noite de sexta-feira, 31 de março de 1848, resolvemos ir para a cama um pouco mais cedo e não nos deixamos perturbar pelo barulho; íamos ter uma noite de repouso. Achava-me tão alquebrada com a falta de descanso, que me sentia quase doente. Meu marido ainda não tinha ido para a cama quando ouvimos o primeiro ruído: eu havia apenas me deitado. A coisa começou como de costume. Eu a distinguia de qualquer outro ruído jamais ouvido. As meninas, que dormiam em outra cama no quarto, ouviram as batidas e procuraram fazer ruídos semelhantes, estalando os dedos. Minha filha menor, Kate, batendo palmas: "Senhor Pé-Rachado, faça o que eu faço". Imediatamente seguiu-se o som, com o mesmo número de palmadas. Quando ela parou, o som parou também. A outra filha, Margareth, brincou: "Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro" - e bateu palmas. Os ruídos se produziram como antes. Ela teve medo de repetir o ensaio. Na sua simplicidade infantil, Kate concluiu: "Ah, mamãe, eu já sei o que é. Amanhã é primeiro de abril e alguém quer nos pregar uma peça".

Pensei então em fazer um teste que ninguém seria capaz de responder. Pedi que fossem indicadas as idades de meus filhos, sucessivamente. No mesmo instante, foi dada a idade exata de cada um, fazendo pausas entre um e outro, até o sétimo. Após uma pausa maior, três batidas mais fortes foram dadas, correspondendo à idade do menor, que havia morrido.

Perguntei: É um ser humano que me responde tão corretamente? Não houve resposta. É um espírito? Se for, dê duas batidas. Duas batidas foram ouvidas assim que fiz o pedido. Então eu disse: Se for o espírito de alguém que morreu assassinado, dê duas batidas. Assim ocorreu instantaneamente, produzindo um tremor na casa. Perguntei: Foi assassinado nesta casa? A resposta foi como a precedente. A pessoa que o assassinou ainda vive? Resposta idêntica, por duas batidas. Pelo mesmo processo, verifiquei que se tratava do espírito de um homem, que o haviam assassinado na casa e que seus despojos estavam enterrados na adega; que a família (do assassino) era constituída de esposa e cinco filhos - dois rapazes e três meninas - todos vivos ao tempo de sua morte, mas que depois a esposa morrera. Então perguntei: Continuará a bater se chamarmos os vizinhos para que também escutem? A resposta afirmativa foi alta.

Desse modo foram chamados vários vizinhos, os quais por sua vez convocaram outros, de maneira que, mais tarde e nos dias subseqüentes, o número de curiosos era enorme. Naquela noite compareceram o senhor Redfield, o senhor e senhora Duesler e os casais Hyde e Jewell.

O senhor Duesler perguntou: "Foi assassinado?" Resposta afirmativa. "Seu assassino pode ser levado ao tribunal?" Nenhuma resposta. "Pode ser punido pela lei?" Nenhuma resposta. A seguir disse: "Se seu assassino

não pode ser punido pela lei, dê sinais". As batidas foram ouvidas claramente. Pelo mesmo processo, o senhor Duesler verificou que ele tinha sido assassinado no quarto do leste, há cinco anos, à meia-noite de uma terça-feira; que fora morto com um golpe de faca de açougueiro na garganta; que o corpo havia passado pela despensa, descido a escada e sido enterrado a dez pés abaixo do solo. Foi verificado também que dinheiro fora o móvel do crime.

Esses são os principais trechos do depoimento da senhora Margareth Fox, que descreve vivamente os acontecimentos de Hydesville na sinistra noite de 31 de março de 1848.

A descoberta do esqueleto

Através de uma combinação alfabética com as pancadas produzidas, chegou-se à identidade da vítima. Tratava-se de um mascate de nome Charles B. Rosma, assassinado na casa aos 31 anos e enterrado na adega. O assassino fora um antigo inquilino. Só poderia ter sido o senhor Bell... mas onde a prova do crime: o cadáver da vítima? Os mais interessados em esclarecer o caso resolveram escavar a adega, para encontrar os despojos da suposta vítima de assassinato. As escavações, porém, não levaram a resultados definitivos, pois deram n'água sem que se tivessem encontrado quaisquer indícios. Por essa razão, foram suspensas.

No verão de 1848, David Fox, filho do casal Fox, auxiliado por alguns interessados, retomou o empreendimento. A um metro e meio de profundidade, encontraram uma tábua. Aprofundada a cova, encontraram carvão, cal, cabelos e alguns fragmentos de ossos que foram reconhecidos por um médico como pertencentes a esqueleto humano; mais nada. As provas do crime eram precárias e insuficientes, razão talvez pela qual o senhor Bell não foi denunciado.

Em novembro de 1904, o *Boston Journal* (número 23) noticiou a descoberta do esqueleto de um homem cujo Espírito se supunha ter ocasionado os fenômenos na casa da família Fox em 1848. Meninos de uma escola brincavam na adega da antiga casa dos Fox, que tinha fama de ser mal-assombrada. Em meio aos escombros de uma parede - talvez falsa -, que existira na adega, os garotos encontraram as peças de um esqueleto humano. Junto ao esqueleto foi achada uma lata, do tipo comumente usado por mascates. Essa lata encontra-se agora em Lilydale, sede dos Espiritualistas Americanos, para onde foi transportada a velha casa de Hydesville.

Dessa forma, cinquenta e seis anos depois, em 22 de novembro de 1904 (data do encontro do esqueleto do mascate), foram confirmadas as informações obtidas em 1848 a respeito do crime ocorrido naquela casa. O episódio constitui um caso notável de TCD (transcomunicação direta).

O movimento se espalha

As meninas Margareth e Kate foram afastadas da casa, pois havia a suspeita de que os fenômenos se ligavam, sobretudo, à sua presença. Margareth passou a morar com o irmão, David Fox. Kate mudou-se para Rochester, onde ficou com a irmã Leah, então casada. As manifestações, no entanto, insistiam em acompanhar as irmãs Fox. A própria Leah, a irmã mais velha, passou também a sintonizar os mesmos fenômenos. Logo, eles começaram a surgir em outras famílias.

Mais tarde, o movimento se espalharia pelo mundo. As próprias forças invisíveis insistiram em reuniões públicas nas quais elas pudessem manifestar-se ostensivamente. Era uma nova mensagem que vinha do mundo dos Espíritos, conclamando os homens para uma outra atitude filosófico-religiosa.

A onda espiritualista passou da América para a Europa, onde o terreno já se encontrava preparado pelo desenvolvimento científico. Lá, a forma bastante comum de manifestações de transcomunicação foi a das "mesas girantes". Mais tarde, o fenômeno seria estudado com rigor e profundidade pelos fundadores da *Psychical Research* (pesquisa psíquica) e da metapsíquica. Desse período, originou-se também o Espiritismo na França, graças às investigações científicas e ao método didático do intelectual lionês, Denizard Hyppolite Léon Rivail (Allan Kardec).

Nunca é supérfluo enfatizar que não se deve confundir *Spiritualism* com Espiritismo. O primeiro nasceu como um movimento popular provocado por evidências a favor da crença na existência, sobrevivência e comunicabilidade do Espírito. Importante observar que o *Spiritualism* não incorporou a idéia da reencarnação. Ele admite apenas a continuidade da vida após a morte, sem inferno ou céu, porém em contínuo aprendizado e evolução no mundo espiritual. O Espiritismo não só aceita o renascimento, mas também admite a Lei do Carma, considerando serem esses os fatores naturais da evolução do Espírito. Embora Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espirita, considere Sócrates e Platão como os precursores da idéia cristã e do Espiritismo, sua atenção para a realidade da comunicação dos Espíritos foi despertada pelo fenômeno das "mesas girantes".

Repercussão

A partir do episódio das irmãs Fox, a transcomunicação, no Ocidente, passou a atrair a atenção de um pequeno grupo de cientistas. Inicialmente, havia forte ceticismo acerca dos fenômenos paranormais, cuja popularidade crescia de forma inusitada na Europa. Somente a curiosidade ante a estranheza das ocorrências conseguiu levar esses poucos cientistas a observá-las. Havia três categorias de pessoas.

A primeira incluía os que viam nos fatos a confirmação de suas crenças na sobrevivência, na comunicabilidade e no progresso dos Espíritos. O *Spiritualism*, na Inglaterra, e o Espiritismo, na França, são exemplos dessa categoria. Na segunda, eram maioria cidadãos de acentuado interesse científico: materialistas, espiritualistas e indiferentes, todos investigando de maneira racional os chamados "fenômenos psíquicos" para confirmá-los ou negá-los e, no caso afirmativo, descobrir sua real causa eficiente. Daí as designações usuais dessa atividade: pesquisa psíquica e metapsíquica (nome criado por Charles Richet, na França). Finalmente, a terceira categoria compreendia a maioria dos interessados, em franco antagonismo quanto às duas primeiras. Compunha-se de cientistas, intelectuais em geral, jornalistas e pessoas comuns, para os quais os fenômenos paranormais eram manifestações de superstição, ilusão e fraude, ou alienação mental. Alguns religiosos as consideravam armadilhas do "demônio", ou tentativas de abalar as bases das religiões tradicionais. Outros chegavam a acreditar que se tratava do ressurgimento da magia e do ocultismo.

Foi nesse clima que se desenrolaram as dramáticas transcomunicações, cuja iniciativa, ao que parece, partiu do Plano Espiritual. As manifestações de maior evidência foram as chamadas "mesas girantes", episódio que inaugurou o Período

Espírico, conforme a classificação de Charles Richet. Segundo esse estudioso, esse período vai das irmãs Fox até as pesquisas de William Crookes, em 1872.

Fonte: Karl W. Goldstein. Texto extraído do boletim Gotas de Luz. Publicado originalmente no jornal *Folha Espírita*, de outubro de 1995.